

**Pedro Emmanuel Santos**  
urbano@jn.pt

**A** agricultura pode ser a alavanca das cidades. Não é difícil, garante Teresa Andresen, basta apostar nos produtos certos e fazê-los escoar de forma integrada no mercado, levando os consumidores a optarem pelo que é de qualidade e, sobretudo, cultivado nas imediações de casa. A Maia pode ser apenas o primeiro exemplo de um concelho que retomará a aposta no setor primário. Mas toda a Área Metropolitana do Porto tem condições para seguir tal paradigma, sustenta a arquiteta, que quer alterar mentalidades, mudar a economia, gerar emprego e levar a uma nova interpretação do imenso espaço rural que ainda subsiste na região.

**O que a leva a acreditar que o futuro da Maia passa pela aposta nas áreas rurais e na agricultura? O projeto não é só para a Maia, é para toda a Área Metropolitana do Porto (AMP). Cada concelho tem uma imagem própria, uma circunstância própria, uma paisagem própria. A Maia possui uma circunstância muito característica, pois encontra-se próximo do mar e tem terrenos relativamente planos, com aptidão agrícola extradiária.**

**Que não estão a ser aproveitados?**

A questão é que esses terrenos são uma oportunidade para a Maia e para a própria AMP. Vila do Conde e Póvoa de Varzim são mais ricos em termos agrícolas, mas a Maia tem solos com aptidão muito elevada, com todo um património associado. A rede viária da Maia foi traçada pelos carros de bois, é bom lembrar. Depois é que vieram estradas, autoestradas, o metro...

**Património histórico, portanto...**

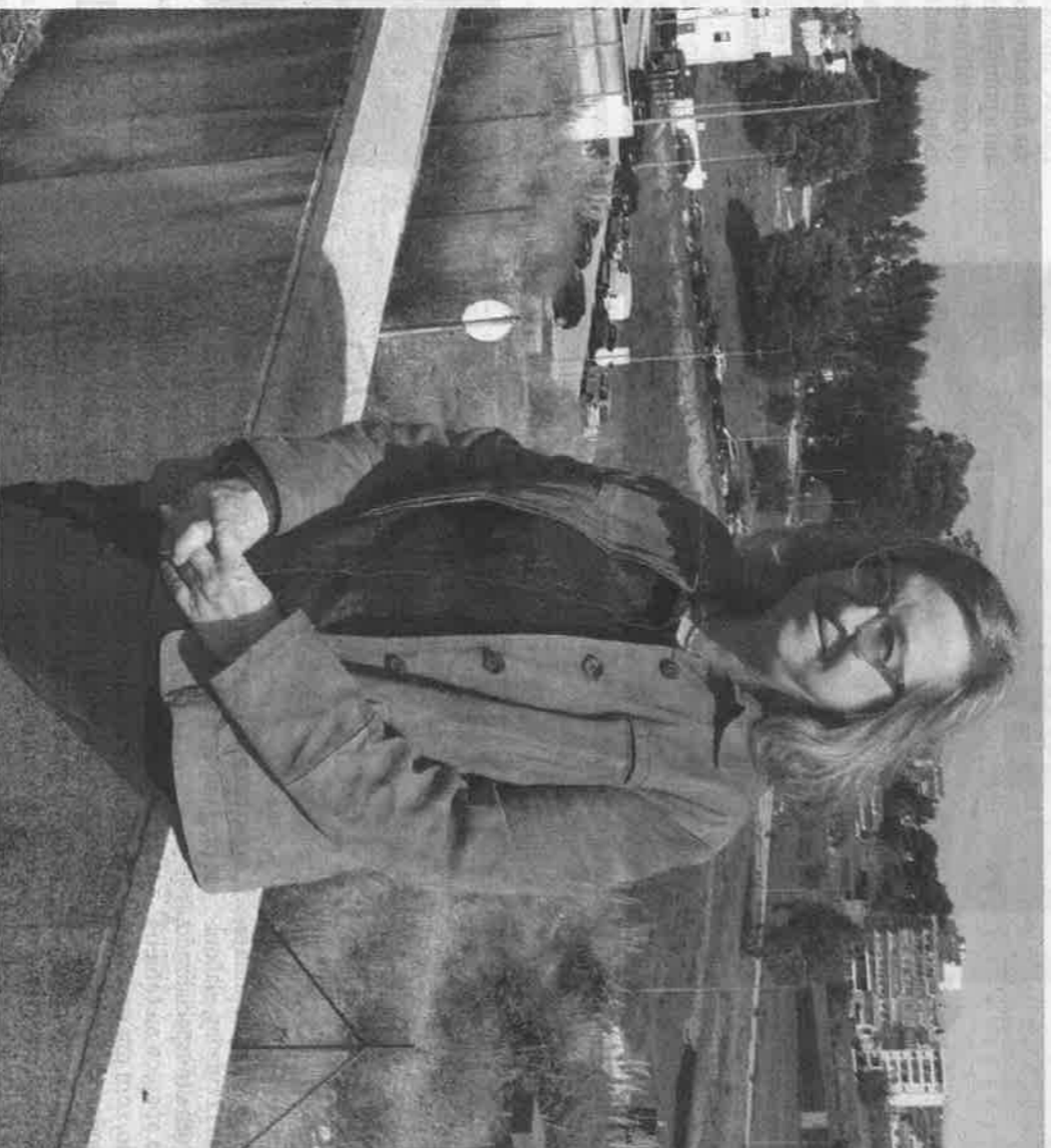
Por razões biofísicas naturais, a Maia tem intrinsecamente séculos de prática da agricultura. Ainda por cima com um sistema com muito inteligente, característico de todo o Norte litoral do país, que é o sistema de campo e bouça.

**Em que consiste?**

As pessoas tinham o campo e tinham a bouça nas matas, de onde retiravam o mató que era incorporado nas camas de gado. Depois, o estrume era devolvido à terra. Por

# “Não é utopia, os campos são as novas centralidades”

**Teresa Andresen** Arquitecta paisagista propõe fazer da Maia um concelho agrícola. E alargar o conceito



IVO FERREIRA/GLOBAL IMAGES

**Teresa Andresen defende que os terrenos agrícolas são uma “oportunidade para a Maia”**

**SOLO AGRÍCOLA DA MAIA, NA MAIORIA RESERVA AGRÍCOLA, É UM RECURSO NATURAL E CULTURAL**

tanto, havia um ciclo de nutrientes muito sábio que durou séculos.

**Que entretanto se foi perdendo com a urbanização?**

Quando se urbaniza, perde-se. Impermabiliza-se o território. O solo agrícola da Maia, que na sua maioria é Reserva Agrícola Nacional, é um recurso natural e cultural. Natural porque tem componente física, química, orgânica e inorgânica com características próprias. Para além disso foram ge-

rações a fabricar aqueles solos e a incorporar matéria orgânica para o manter fértil.

**Esses recursos ainda vão a tempo de serem aproveitados?**

Foi à volta de tais solos que se instalaram as aldeias, as quintas, as realidades agrícolas, que acabaram por definir a estrutura urbana que hoje a Maia tem. Mas nos centros estão os campos e essas são as novas centralidades da Maia. Não só da Maia, estes campos, e isto não é

utopia, são hoje as novas centralidades da própria Área Metropolitana do Porto.

**Como se podem recuperar áreas rurais e torná-las novas centralidades?**

A Maia é um concelho profundamente urbano, é bom não esquecer. Há é gente muito sábia que trabalha na agricultura e muitas vezes tem outro tipo de atividade. Depois existem é grandes produtores que vivem mesmo da agricultura e estão numa fase complicada do seu percurso de vida porque vieram de uma transição de cerca 30 anos de uma cultura das quotas leiteiras, que apostou apenas no leite e nos seus subprodutos. Toda a política agrícola teve uma evolução muito grande e alógica mudou. E mudaram muitas outras coisas na Maia, como a atitude em relação à agricultura.

**Que visão tem a Maia da agricultura?**

Existe a oportunidade de regressar à diversificação agrícola que sempre existiu e que era interessante reposicionar. O leite resultou porque houve organização e os produtores souberam orientar comercialmente a questão das vendas. Não basta ter solo agrícola, é preciso saber escoar o produto, isso reclama organização, tradição cooperativa de organização coletiva é isso que tem que ser aplicado. A Maia tem que especializar-se, de facto, em fornecer mercados locais.

**Como?**

Temos de acreditar na economia circular e compreender cada vez mais que é necessário ser muito mais racional naquilo que comemos.

**Mas de que forma, exatamente?**

É possível caso se organize uma oferta de produtos de marca Maia, provenientes de uma agricultura de hoje, competitiva. Há que racionalizar as coisas e ponderar a possibilidade de ter o mercado inundado com produtos da época e locais. Forçosamente a sociedade vai acabar por perceber isso.

**Também numa cidade como o Porto, por exemplo?**

É um tipo de agricultura que tem grande aptidão onde haja muita população. O Porto é uma cidade de muitos quintais, onde a agricultura tem outra função, mais de lazer, veja-se o caso das hortas. No caso da Maia tem a ver com economia e com emprego. ●